



- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10
- 11
- 12
- 13
- 14
- 15
- 16
- 17
- 18
- 19
- 20
- 21
- 22
- 23

*Para Carlos e Neuza*

*Todo amor é um sacrifício.*  
Arnon Grunberg

Estou raptando uma criança. Tento afastar esse pensamento, mas ele persiste enquanto descemos pelo elevador, cumprimentamos o Chico, saímos pelo portão. São coisas que fazemos todos os dias, descer, cumprimentar o Chico, sair pelo portão, andar pisando só nas pedras pretas ou nas brancas da calçada, mas hoje é diferente mesmo que eu não esteja fazendo nada diferente, porque tenho a sensação de que o exército branco olha pra mim. Foi coisa da dona Fernanda, inventar esse nome, exército branco. E até que ela está certa, somos mesmo um exército, ainda mais a essa hora da manhã, quando todas vêm pra praça com seus uniformes brancos carregando bebês ou crianças, e então batem papo empurrando carrinhos e balanços com bebês ou crianças. Um mundo que até ontem era o meu mundo mas que agora parece me olhar com desconfiança. Será tudo loucura da minha cabeça? Diga, minha Nossa Senhora, é tudo loucura? Não sei, mas por via das dúvidas apresso o passo, vamos, Corinha, outra hora você brinca de pisar só nas pedras brancas. E não cruzo a praça como faria normalmente, desvio pela calçada lateral. Só que mesmo ali o exército me bisolha, encontro com a babá do prédio vizinho, tenho a impressão de que ela olha pra minha bolsa, na verdade uma mala, tão maior do que a bolsinha que levo todos os dias, uma sacola enorme bem presa debaixo do braço que aperto pra ver se diminui. Não dou conversa e seguimos andando, até que a Cora diz: Maju, tua mão tá estranha, e talvez pra se livrar do meu suor, solta meus dedos. Quando vejo ela está agachada catando do chão uma camélia murcha. Nunca vi criança pra gostar tanto de flor. Eu acho bom, uma criança que gosta tanto de flor. Por isso não costumo apressar que nem tanta babá por aí faz com as crianças, deixo a Cora cheirar um jardim inteiro se tiver vontade, e ainda carrego

aquela petalarada no meu bolso pra ela. Uma vez esqueci de tirar da calça e botei na máquina de lavar e foi bonito de ver, as flores todas girando e centrifugando lá dentro, mas hoje não dá, Picochuca, hoje não dá, e nem passo lenço umedecido na mão dela como faria normalmente pra tirar os micróbios, só puxo aqueles dedinhos junto comigo, sentindo saudade do vazio de Mandaguaçu, daquele descampadão de Mandaguaçu, porque aqui em São Paulo não tem um minuto que não tenha alguém olhando pra você. Tipo esses taxistas, se ocupando com a vida alheia. Eu conheço todos, só pegamos táxi com eles, gente de confiança do seu Cacá e da dona Fernanda. E justamente porque são gente de confiança deles, desvio. Desvio e subimos pela avenida Angélica. Pegamos o ônibus. A Cora estranha, não vamos de táxi, Maju?, mas também adora a novidade, é a primeira vez que pega um ônibus de linha, pede pra sentar no banco da frente, achata o nariz contra o vidro.

A rodoviária não é tão longe e em meia hora chegamos. Olho em volta pra ver se não tem nenhum conhecido por perto, claro que não tem nenhum conhecido por perto, mesmo assim eu acelero. Enfio a Cora no elevador, a coitada espremida no meio da bagajarada toda, nunca vi gente pra carregar tanta sacola, os plásticos estalando e indicando até pra um cego que o recinto está cheio de pobre. Ainda bem que as portas logo se abrem, eu saio com a minha Picochuca, caminhamos por uma plataforma de onde vemos várias outras plataformas, aquele montão de gente se movimentando, escadas rolantes subindo e descendo, placas com informações, guichês com filas, lojas com ofertas. A Cora para e fica assim por um tempo, eu a puxo, mas ela não vem. Me abaixo pra ver o que está acontecendo. Maju, por que meus olhos são tão pequenos e eu vejo um mundo tão grande?

Escuto o celular tocando, mas resolvo não atender. Eu e Yara acabamos de virar de barriga para cima, depois de um longo hoka-hoka. Não fui eu que inventei esse termo, foi ela que me contou e depois mostrou o vídeo das macacas bonobos esfregando seus órgãos genitais umas nas outras, atividade que alguém no norte da África resolveu batizar com esse nome algo cômico, algo sonoro. O apresentador do vídeo dizia que as bonobos gostavam mais de fazer sexo entre si do que com os machos, os biólogos sabiam porque durante o hoka-hoka as bonobos olhavam mais nos olhos das parceiras, se mexiam com mais empolgação. A Yara disse que o apresentador estava certo, ela já tinha visto duas bonobos transando com paixão quando estava na bacia do Congo. E era transando mesmo, não cruzando como os outros animais, porque o que elas faziam era uma transação, uma troca de afetos. Lembro de pensar que o que define o verbo não é o sujeito mas o objeto. Já cruzei com algumas pessoas, tenho transado com ela.

Nem sempre a transação é justa. Ando recebendo menos do que estou entregando. Dividendos da paixão. Nada que atenuie o meu jeito de olhar para ela, encantada com coisas banais, por exemplo a forma como segura o baseado. Até seu papo ralentado pela erva, que irritaria qualquer pessoa em estado de sanidade normal, me dá um certo barato. Gosto de vê-la nadando na contramão da produtividade, fazendo o oposto do que faço no meu trabalho. Se comprimo histórias em blocos de dez minutos, em séries de oito episódios, ela transforma as dela em odisséias, como se de fato vivesse no mundo que tanto ama, regido pelos ciclos da natureza e não pelas demandas urgentes do deus smartphone. Isso e seus seios levemente caídos, como suas pálpebras agora levemente caídas, me fazem arrancar o baseado

da sua mão e beijá-la.

O celular toca. Dou uma olhada, é meu marido. Silencio o aparelho. Começo a esfregar os meus órgãos genitais nos dela, enquanto centenas de outros primatas dirigem lá fora, com seus rabos peludos no assento e o polegar opositor na buzina, fazendo farfalhar aquela selva em volta de nós. Quando voltamos a deitar de barriga para cima, tem sete ligações não atendidas no meu celular.

No portão de embarque o relógio marca dez para o meio-dia. Pego a autorização que guardei dentro do livro com cuidado pra não amassar e penso que ainda posso voltar atrás, enquanto o ônibus não partir eu ainda sou dona das minhas pernas, mas olhando para o papel lembro que não terei outra chance dessas e sigo em frente.

Aonde a gente tá indo?, a Cora diz. Acho que pela primeira vez ignoro uma pergunta dela, ocupada que estou separando os documentos e a passagem, relendo a autorização. Foi o seu Cacá quem fez, firma reconhecida em cartório, pra eu acompanhar a menor Cora de Azevedo Cunha até a casa dos pais dele no Rio de Janeiro, viagem que acabou não acontecendo mas que me deu a ideia de usar a autorização, válida por trinta dias. E como é hoje ou nunca, vamos, mulher, coragem, veja como o motorista nem olha direito pras pessoas, quer mais é que embarque todo mundo logo, até porque aqui fora tem gente que não acaba mais, e uma gente mal-educada que só, não tá enxergando a menina?, digo pra uma moça que quase passa por cima da Cora. Pra evitar outra topada, levanto a Picochuca no colo, vem cá com a Maju. Ela olha encantada para o alto, para o ônibus de dois andares. A gente vai nesse aí? Digo que sim e dou um beijo nela, um medo tomando conta de mim, minha mão aguando de novo, será que o motorista vai perceber a mão suarenta entregando os documentos? Mentalizo a minha Nossa Senhora Aparecida e quando vejo ele já está lendo a autorização. Confere a minha identidade e ajeita a gravata amarela, não sei por que faz isso, ajeitar a gravata, e diz: boa viagem.

Sinto meus ombros caírem feito a mala que cai sobre o assento. Começo a ajeitar as nossas coisas, a pegar o que preciso, a pôr o resto no bagageiro. A Cora cutuca meu braço, aponta pra

escada e diz que quer viajar no andar de cima. Me abaixo e explico que não vai dar. A Maju comprou os melhores assentos pra gente. Tá vendo este banco aqui? Vira cama. Lá em cima não, lá em cima os bancos são estreitos, não deitam, não é coisa pra uma menina que nem você. Quero ir lá em cima, ela repete, e vendo que não me mexo, que vamos seguir onde estamos, arma um bico e começa a chorar. Eu conheço a Cora, ela não é de fazer manha, pra chorar desse jeito é porque quer mesmo ir lá em cima, e eu penso em levar, mas talvez seja pior ainda, daí é que ela vai encarnar de sentar no convencional. Fico parada, o choro crescendo e o meu nervosismo também, porque claro que todo mundo começa a olhar pra gente, era tudo que eu não queria, chamar a atenção. Já vejo no noticiário um passageiro dizendo: eu lembro das duas porque a menina chorou, a menina não queria ir com ela, e pra acabar logo com qualquer possibilidade desse tipo e pra acalmar a Cora, dou colo, agrado seus cabelos, mas em vez de parar, o pranto aumenta, a boca quase rasga ao meio. O casal sentado na frente da gente já olha irritado prevendo a viagem dos infernos que vão fazer, e eu só repito: calma, Corinha, vou deixar você sentar na janela, mas ela nem dá bola e insiste: quero lá em cima, e parece que ouvir a própria voz aumenta a sua dor, porque agora o choro vem ainda mais encardido. Que saudade do tempo em que ela usava chupeta, deveríamos todos carregar a vida inteira uma chupeta no bolso, ninguém precisaria de cigarros nem de calmantes nem de unhas, ela agora chuparia a dela e eu a minha, os outros passageiros chupariam as deles, todos de volta para o reino do tetê. A palavra tetê me lembra outra coisa. A naninha, claro. A ovelha que agora tiro da bolsa e entrego pra Cora, coloco em seus braços, e que, pra minha surpresa, piora ainda mais a situação. Olhando pra sua companheira, Cora esperneia. Eu e a Bibi queremos ir lá em cima. Normalmente eu deixaria ela chorar até cansar, é o certo a se fazer por conta da educação da menina, mas hoje não dá. Começo a revirar a bolsa, pesco lá de dentro um saquinho de sal, um de pimenta-do-reino, quatro palitos de dente e, por fim, um pacotinho de açúcar. Queria que

a Neide estivesse aqui pra ver o que vou fazer, ela que diz que juntar essas coisas por aí é mania de gente humilde, de quem não tem onde cair morto. Veja, Neide, veja se não tem utilidade, digo, enquanto pego um copo d'água e jogo lá dentro o açúcar. Depois entrego pra Cora e como conheço bem ela, falo: beba, Picochuca, mas deixe um pouco pra Bibi. Cuidadosa que é, ela vai parando de chorar, atenta à quantidade de água que deve reservar pra ovelha. Sinto minha respiração acalmando junto com a dela, dou parabéns pra Cora e pra Bibi por terem tomado tudo e dou logo sumiço no copo, no resto de água que acusa a ovelha e seu bucho de não existirem de verdade. Em seguida, ajeito a Cora no assento, coloco um travesseiro atrás da sua cabeça, o cobertor bem esticado sobre as pernas. Ela olha pra fora. Pra onde a gente tá indo, Maju? Não posso dizer o nome da cidade, não perto dos outros passageiros, e pra ela tampouco importa, então digo o que sei que ela quer ouvir: pra um lugar bonito. Um lugar cheio de bichinhos que trabalham de noite.

Entro no elevador e vejo a hora, nove e quinze da noite. Depois observo a minha aparência no espelho e faço o que minha filha faria: aperto o 3 e os botões anteriores. Não dá para chegar em casa com essa cara de satisfação. O rosto corado, as sobrancelhas despenteadas, os cabelos revirados. Meus fios são finos, o hoka-hoka embaraça de um jeito que vira um bolo. Enquanto o elevador para no 1, puxo o emaranhado para trás e amarro com um elástico, depois aliso as sobrancelhas e ensaio a expressão de quem viveu apenas mais um entre tantos dias de sua vida.

Quando passo pela porta, percebo que poderia ter aparecido com um chupão na testa que não faria diferença. Cacá está na poltrona, inclinado para a frente, as mãos segurando a cabeça, que parece pesar tanto quanto uma bola de ferro. Diz que está tentando falar com Maju desde a primeira vez que me ligou, às sete da noite, mas ela não atende. Já ligou para a vizinha e para a casa da melhor amiga da Cora, nada dela e da babá. Pergunto se Cacá tentou falar com a minha mãe, às vezes ela aparece para levar a neta para algum passeio. Ele diz que sim, mas que o celular dela está fora de área. Essa informação me dá um clique. Minha mãe tem um sítio perto de Avaré, num lugar tão escondido que o celular só pega perto de uma jaqueira e de uma pedra específica, que apelidamos de Hard Rock Café. Achamos possível que minha mãe tenha levado a Cora para o sítio. Afinal já fez isso em diversos feriados e fins de semana, pegando as duas, ela e a babá, na saída da escola. Chamo nossa empregada, Cida, que nos conta que Maju e Cora saíram de manhã com uma bolsa que mais parecia uma mala, levando um tupperware. Calculamos que foram para o clube, almoçaram por lá, como de costume, e da escola pegaram a estrada com a minha mãe. Impulsionado por um lampejo, Cacá corre até o quarto da Cora e

volta dizendo que a Bibi foi junto. Demoro alguns segundos para me tocar quem é Bibi, parece o apelido de alguma amiga da minha mãe, aquelas senhoras bêbadas de licor e saudosismo que não saem de sua casa. Mas logo lembro da ovelha e sorrio junto com o Cacá. Terem levado a naninha é mais um indicativo de que se prepararam para dormir longe de casa. Claro que minha mãe deveria ter nos consultado. Ou pelo menos avisado. Mas a verdade é que dela não espero muita coisa, nunca teve a menor consideração pelos outros, já chegou a entrar na minha casa e levar uma tevê sem pedir, alegando que a dela havia quebrado e que não podia ficar sem ver a novela. A Maju, pelo contrário, é de uma consideração exaustiva, manda fotos e vídeos da Cora o dia todo, inclusive em momentos banais como comendo uma maçã ou cheirando uma flor. Então é meio estranho que ela não tenha enviado nenhuma mensagem, nenhuma foto da Cora na estrada. O que, concluímos, pode ser atribuído à falta de bateria. De qualquer maneira, não temos certeza. Resolvemos seguir ligando para a minha mãe e, na dúvida, também para algumas amigas da Cora.

Mas, antes de mais nada, preciso relaxar um pouco. Dos problemas de casa, dos problemas do meu trabalho, da paixão que me corrói a pele. Preparo um drinque. Com o copo na mão esquerda e o celular na direita, procuro pelo telefone das mães da escola, mas logo lembro que saí do grupo, quem tem os números atualizados é o Cacá, deixo que faça as ligações.

Já levemente bêbada, deitada no tapete da sala, ouço meu marido conversando com mulheres de quem nunca ouvi falar, sobre crianças de quem nunca ouvi falar e sobre episódios que eu não faço ideia que tenham acontecido, como um surto de piolhos. Enquanto ele fala com a mãe de uma tal de Bebel, fico pensando o que aconteceu comigo para eu me tornar uma turista na minha própria casa, boiando num tapete com um coquetel em punho e retribuindo emojis de dedo com emojis de língua.

Finalmente, a estrada. Não aquele monte de favelas que rodeiam a cidade como urubu em volta de carniça. A estrada mesmo, esse descampadão que eu adoro, só uma vaca magra aqui e outra ali, as plantações e os casebres, a tranquilidade dos casebres, a terra que já começa a mudar de cor, de marrom pra roxa, logo de roxa pra vermelha. Mostro a paisagem pra Corinha, mas ela está distraída olhando o lanche que o ônibus oferece. Amendoim japonês e biscoito, claro que não vamos comer, aprendi com a nutricionista da dona Fernanda que água e sal prende os intestinos. Explico pra ela que aquilo não presta, vamos comer coisa muito melhor. Pego a nossa marmitta, a salada de macarrão com tomate e abobrinha que a Cora adora. A chata na nossa frente sente o cheiro e fala com o homem ao seu lado. Amor, se continuar essa farofa, nós vamos subir. Eu acho a ideia ótima, não quero saber de ninguém fazendo cara feia pra nós, nem se embestando com a nossa comida, e muito menos ouvindo a nossa conversa, então anuncio bem alto: agora a Maju vai pegar o frango!, mesmo sem ter galeto algum. A mulher bufa e diz: vamos, tem lugar lá em cima. Os dois sobem com suas bagagens. Ainda bem, assim posso papear à vontade com a minha Picochuca.

Enquanto rasgo a embalagem do garfinho descartável, conto pra Cora que vamos até uma cidade chamada Presidente Prudente, longe pra burro, pra lá do interior. Depois fico quieta, mastigando, pensando que vamos chegar às seis e meia da tarde e que mais ou menos por essa hora vão começar a dar falta da gente, mas tudo bem porque já vamos estar num táxi, indo pra Ponta Porã, de onde vamos cruzar a fronteira a pé até Pedro Juan Caballero, no Paraguai, onde acho que dá pra fazer um documento novo pra Cora. Quando eu era adolescente lá no

norte do Paraná, tinha o neto de uma amiga da minha vó que contrabandeava carros na fronteira, e quando a coisa apertava, ia pra Pedro Juan fazer identidade. Lembro que sempre voltava de tênis importado, com um cabelo e um nome diferentes. Quando eu ia imaginar que Deus me colocaria no mesmo caminho do Antônio que virou Serginho que virou Pablo que virou Diego? E como foi Deus que me colocou nesse caminho, não vou me sentir mal, vou atender os seus desígnios. Digo pra Cora que vamos fazer uma maluquice, uma brincadeira muito legal, mudar o nome dela. Pergunto como ela quer se chamar daqui pra frente. Moana, diz. Falo que esse não vale, é muito de princesa, muito de cinema, que tal algum mais normal, tipo Manuela, Carolina ou Brígida, como a vó da Maju? Ela não diz nada, está concentrada tentando espetar o macarrão, mas penso que depois preciso retomar a pergunta, escolher logo um nome e ir tirando Cora da nossa cabeça. Acho que vai funcionar porque foi quando eu tinha a idade dela que minha mãe morreu, e dessa fase não lembro de nada, só de um pingente que ela tinha no pescoço, uma cruz dourada que eu girava quando estava no seu colo.

Limpo a boca da Cora com um guardanapo da Casa do Pão de Queijo, depois descasco uma mexerica. Vou tirando os caroços, dando os gomos pra ela e contando que de Presidente Prudente vamos pingar mais um pouco até chegar no nosso destino final, Mandaguaçu, onde a Maju cresceu, e daí ela vai ver que beleza de vida nós vamos levar. Acordar no meio da natureza e passear de trator, colher folhas de amoreira, quilos e mais quilos, porque as lagartas são enjoadas e não aceitam outra coisa. Durante o dia, vamos alimentando as bichinhas. Precisa ver como elas comem. Ficam dentro de um barracão só mastigando dia e noite. No começo não dão tanto trabalho porque são pequenas, mas quando acordam pra quinta idade, comem seis dias sem parar, as bocas já grandes, as tetas da língua triturando a folha com força e fazendo o barulho da chuva. Comem tanto que a gente tem que acordar de madrugada pra repor as folhas, mas vale a pena, porque daí começa a parte mais bonita, a parte de Deus, quando as lagartas começam a soltar o fio branco pela boca. Você tem

que ver isso, Picochuca, os fiozinhos de seda saindo pela boca. E daí a gente sobe as lagartas para o bosque, pra uns quadradinhos onde cada uma começa a tecer o seu casulo, a sua casinha. É a coisa mais linda. Essas lagartas são de verdade, Maju? Digo que sim, claro, mas ela não precisa ter medo, são boazinhas. A Maju quando era criança gostava de pegar um punhado assim com a mão, e mostro as lagartas imaginárias no meio dos meus dedos. E depois sabe o que elas viram? Mariposas. Borboletas!, digo, pra ver se ela se encanta, mas ela diz que ainda está com medo. Eu passo a mão nos seus cabelos, que também são fios que a natureza teceu, e vou mudando de assunto pra acalmar. Conto que nós também vamos cuidar das outras coisas da fazenda, dar comida pras galinhas, coelhos, porquinhos. Coelhos de verdade? Digo que sim e ela bate palmas. Me sinto bem, me sinto tão bem, falo da natação que ela vai fazer no lago, do jardim que vamos plantar dentro de um carrinho de mão, do balanço de pneu que vamos pendurar em alguma ameixeira, do cachorro que ela finalmente vai ter. Depois lembro que precisamos resolver aquele assunto. O nome, Picochuca, como você quer se chamar? Ela pensa um pouco e diz: Nina, vai ver porque tem uma amiguinha chamada Nina. Digo: Nina não, pensando na mania que os ricos têm de dar nomes tão curtos para os filhos: Teo, Lia, Noa, Lara, Olga, Max, Oto, até de Oto essa gente batiza, e eu não entendo por que tanta miséria. Se letra é de graça, por que não aproveitar, dar um nome de encher a boca? Sugiro um que tiro do livro que estou lendo, Rosalind. Não é bonito esse, Picochuca? Ela diz que não, que é feio, prefere chamar Elsa como a princesa do Frozen. Eu digo que Elsa não dá, é nome de adulto, a pessoa vai imaginar uma mulher aparecendo e daí chega uma criança com uma naninha debaixo do braço, fica um negócio estranho. A Maju tá dizendo isso porque quer o teu bem. A Cora pensa um pouco e diz: Ana, que nem a outra princesa do Frozen. Ana é curto, mas não é de todo mau, e eu preciso respeitar o gosto da menina. Tá bom, Picochuca, teu nome agora é Ana.

Foi a maior humilhação, apanhar de um bebê de dois anos. Aconteceu durante um voo Rio de Janeiro-São Paulo. Voltávamos de um fim de semana na casa dos pais do Cacá, ele costumava voltar com a gente, mas dessa vez teve que ficar no Rio para fazer uma pequena cirurgia, e como precisaria descansar aos cuidados de sua mãe, retornei com nossa filha. Entramos no avião, sentei, acomodei Cora no assento ao lado. Quando fui fechar o seu cinto de segurança, ela freou a minha mão. Não foi uma surpresa, Cora sempre detestou cintos, volta e meia fazia onda para aceitar o da cadeirinha do carro. Mas, no avião, a recusa foi veemente. Ela tirou a fivela da minha mão e começou a chorar e a espernear com uma força que até hoje me impressiona, como se dentro daquele bebê houvesse um adulto prestes a romper pele afora. Tanto que tentei de todas as formas e não conseguia fechar a fivela, ela gritando e se debatendo. Quando finalmente o negócio fez *clac* sobre a fralda e eu achei que todo o problema ia acabar, veio a surpresa, ela deu um tapa na minha cara. Um tabefe sonoro, desses de novela, a despeito do tamanho de sua mão. Fiquei sem reação. E percebendo o poder do seu gesto — me congelar —, ela me deu outro tapa, e daria outro se eu não tivesse parado sua mão a tempo, com força, porque nesse momento eu também estava sentindo raiva dela. Um desejo que toda mãe já sentiu, de que o filho desapareça. Morra por alguns segundos. Por causa do choro intermitente, toda a fileira 14 olhava para mim. Os passageiros da 13 e da 15 idem. A aeromoça, só então percebi, estava fazendo algum tempo estancada ao meu lado, assistindo à cena, pois o avião precisava que todos os passageiros estivessem afivelados para decolar. E agora estávamos, por fim estávamos. Eu disse para a aeromoça: está tudo bem, enquanto a máquina começava a se movimentar e

eu segurava as mãos da Cora, prevenindo-me contra mais um ataque, mas ao mesmo tempo, e talvez sem me dar conta, segurando seus braços com ainda mais força, o que a levou a se irritar e gritar mais. Assim que o avião se estabilizou no ar e eu a soltei, ela me deu outro tabefe na cara. Não era mais um caso de mãe e filha, mas um espetáculo para uma plateia de passageiros, alguns com a sorte (ou azar) de poder assistir ao drama, outros de apenas ouvir, os mais curiosos tentando se inteirar do que acontecia na faiscante 14F. Foi então que, sem me dar conta do que fazia, subi ao palco. Para tentar acalmá-la, levantei-me e comecei a caminhar com ela pelo corredor, sob os olhos e ouvidos de todos os passageiros, balançando-a e cantando versos desesperados de “Alecrim dourado”, e de repente lá veio a mãozinha e me deu mais um tapa na cara. Lembro do rosto das pessoas nessa hora, muitas olhavam para mim, dividindo-se em dois grupos: as que me fitavam com pena e as que me fitavam com desprezo, creio que se perguntando: como pode uma mãe ter uma moral tão nula? Sim, eu também me perguntava, como pode? Não sabendo o que fazer, pois não podia bater na minha filha e reprimi-la provou-se ser algo ainda pior, fui andando rápido até o banheiro e me tranquei lá. Coloquei Cora no chão e comecei a chorar também. Eu de pé, ela lá embaixo, chorando juntas, por um tempo que pareceu longo a ponto de atravessar tudo que eu já tinha sido. Só voltamos para as poltronas quando o comissário avisou que o avião estava em procedimento de descida e, por sorte, Cora já estava exausta a ponto de me deixar pôr o cinto.

Ao aterrissarmos, peguei nossa bagagem de cabeça baixa, saí do avião de cabeça baixa. Só fui me ver livre do constrangimento quando entrei no táxi, deixando para trás todo e qualquer olhar que pudesse ter testemunhado a minha derrota. Abri a janela, talvez esperando que o vento levasse embora o que eu estava sentindo. Fiquei assim, com o rosto voltado para fora, enquanto Cora adormeceu no meu colo.

Quando chegamos em casa, coloquei-a na cama e fui para o meu quarto. Apesar de exausta, não consegui dormir. Fiquei

pensando de onde vinha a raiva que a minha filha sentia de mim. Uma raiva por ser subjugada, talvez a mesma que eu sentia por ser subjugada pelo papel de mãe. E Cora sentia isso. Ainda que não saibamos de tudo, sempre sabemos de tudo. Ela deve ter percebido inclusive a minha angústia por uma decisão que também dizia respeito a ela. Por volta daqueles dias, eu havia recebido, do canal de tevê em que trabalhava, uma proposta para deixar de ser diretora de conteúdo e me tornar produtora executiva, o cargo mais alto do escritório no Brasil. A princípio eu disse não, porque sabia que, se aceitasse, passaria a me reportar para Los Angeles, trabalhando no fuso daqui e de lá, e teria muito pouco tempo para a minha filha. Mas claro que não fiquei em paz com a decisão. Aquele era um cargo que eu queria e percebi que ser uma mãe frustrada era um péssimo negócio, porque eu acabaria transferindo todo o meu amargor para a minha filha. Era melhor passarmos menos horas juntas mas, como diriam os gurus pedagógicos, horas de qualidade.

Ainda não era meia-noite, resolvi ligar para o meu marido para contar que havia mudado de ideia e aceitaria a proposta. Ele não questionou, era eu quem sustentava a casa, era eu quem decidia essas coisas. Depois que desligamos, dormi um sono vigilante, a ponto de ouvir a Maju chegar e começar a mexer no roupeiro do corredor. Me enrolei num robe e fui até ela. Levei-a para tomar um café na cozinha. Eu precisava ser sedutora, de certa forma tudo dependia dela. Usei a experiência que tinha adquirido contratando gente para a minha equipe: oferecer um valor razoável e aumentá-lo logo em seguida, dando a sensação de que entregava mais do que havia planejado, de que a oferta era fora do comum e portanto irrecusável. Fiz isso com a Maju, mas mesmo assim ela ficou relutante, tinha um bom motivo para isso. Lembro que nessa hora me senti meio satânica, fumando um cigarro com o cabelo desgrenhado e aquele robe vermelho, projetando para ela as benesses de um futuro regado a dinheiro, um futuro que talvez — e inclusive por conta do aceite da própria proposta — não chegaria, mas talvez chegasse, como poderíamos saber? E talvez fosse bom, como poderíamos saber?

E talvez fosse melhor ainda se a Maju fosse esperta e tivesse me pedido mais grana, porque ela nem imaginava, mas naquele momento eu daria tudo: quanto custa pra você dormir direto aqui, seis salários mínimos mais esse anel de ouro no meu dedo? Está aqui, já estou assinando a sua carteira de trabalho com um salário de editor de vídeo, porque você é muito mais valiosa pra mim do que um editor de vídeo. Mas Maju era humilde e inocente demais para sonhar além do que Deus ou a patroa lhe oferecia. Tanto que depois que ela aceitou, senti pena dela. Para compensar, transformei aquele quarto de empregada num lugar claro, descolado e dotado de amenidades como tevê e frigobar, um quarto que poderia muito bem ser a suíte de um hotel japonês. E por isso, e para me sentir menos escravocrata, batizei o cômodo de Suíte Tóquio.

Um mês depois, pingava um salário novo na conta dela e um novo na minha. Fiquei olhando para aquela cifra sem saber o que fazer. Pensei em sair de viagem, mas aquela não era a hora de tirar férias. Pensei em comprar uma joia, mas já tinha algumas e não era nem um quilate mais feliz por isso. Conversando com uma amiga, tive a ideia de comprar arte. Fui a uma galeria onde havia uma tela da Adriana Varejão. Pequena mas impactante: uma sauna de azulejos brancos manchados de sangue. Adquiriti o mimo e pendurei na sala, argumentando para Cacá que a tela custara uma fortuna, mas longe de ser uma extravagância era um investimento, um patrimônio que deixaríamos para a nossa filha.

A Cora pega no sono. Me ajeito no banco, olho pela janela. Tudo passa tão rápido lá fora. Tenho a sensação de que é a minha vida que está passando, vinte e sete anos de São Paulo sumindo num borrão. Como pode tanto se transformar em tão pouco? Levo comigo a Cora, um maço de dinheiro e cinco próteses dentárias. Todo o resto é memória, é tudo que temos, mas ao mesmo tempo não é nada. Memória é um filho que já nasce morto. E se decompõe. Como eu luto para o Lauro não se decompor. Será que se eu pensar nele todo dia consigo que o rosto dele nunca suma da minha cabeça? Porque as fotos e os vídeos eu apaguei num acesso de raiva depois do que ele me fez, só sobraram as fotos e os vídeos que a minha cabeça quis guardar, e eu fico pensando como é que o miolo da gente faz essa seleção, porque tem coisas que somem e outras que ficam tão inteiras que só falta o botão do play. Como o nosso começo. Eu trabalhava na dona Tarsila, lavava aquela calçada todo santo dia. Quer dizer, de segunda a sexta. Eles não tinham filhos, ela e o seu Ronaldo, mas ela tinha uma pá de manias que davam trabalho, como a história de lavar a calçada na frente de casa, serviço que eu tinha que fazer com a mangueira e um esfregão todos os dias, fizesse sol ou chovesse. A chuva de São Paulo mais suja do que limpa, a dona Tarsila dizia, e lá ia eu lavar o lavado, lustrar o lustrado, preparando a calçada pra não sei quem lambar, porque ela mesma nem saía de casa, passava o dia lendo e comendo chocolate, aquele traseirão no sofá, e cheirando a talco, porque ela adorava passar talco nas dobras pra evitar brotoeja. Não levantava nem pra atender o telefone, se gabava de nunca ter lavado um copo. E era verdade. Eu só podia ir dormir depois que ela e o seu Ronaldo fossem deitar, quando já não tinha chance de aparecer mais uma faca suja de requeijão na pia, lá pelas dez,

*image  
not  
available*

ele já sabia, assim como eu já sabia o que a gente ia fazer no caminho, ouvir músicas, só não sabia quais seriam, e disso eu também gostava, de não saber. Só que essa foi uma noite diferente em tudo, porque era Carnaval.

A dona Tarsila morava no Alto de Pinheiros, pra pegar o caminho da minha casa precisávamos cruzar a Vila Madalena, com todos aqueles bares e gente na rua. E não deu outra, quando chegamos na Fradique, tivemos que parar no cruzamento porque tinha um bloco passando, um povo já caindo de bêbado mas firme no bumbo e na corneta, uma moça de seios de fora carregando uma bandeira. Eu lembro bem porque o nosso carro foi o primeiro que teve que parar pra boiada passar, o trânsito foi se acumulando atrás da gente. Era uma situação pra deixar qualquer motorista irritado, mas o Lauro era o Lauro, não tinha dessas coisas de se enervar à toa, ficou olhando o povo, uns meninos de sutiã, uma menina vestida de odalisca, outra com hábito de freira. De repente, o Lauro fez uma coisa que nunca tinha feito, desligou o rádio. Achei estranho, que que deu nesse homem?, mas logo comecei a ouvir a música. Se você fosse sincera, ô ô ô Aurora. Gosta dessa? Balancei a cabeça. Que bom que você gosta porque essa não dá pra trocar, ele disse, e demos risada, e seguimos olhando pra frente, pra gansarada avançando. Depois de um tempo, sem virar pra mim, ele começou a contar. Disse que nasceu numa vila chamada Picinguaba, no litoral de São Paulo, filho de pescador. De pequeno ficava com a mãe, trançavam cesto de manhã e limpavam camarão à tarde, mas quando estava perto dos dez anos, começou a pegar jangada com o pai, e achou bom não ter mais que ficar arrancando a merda das costas dos sete-barbas com palito. O mar tinha uma calma que ele gostava, só que também tinha a rede, aqueles peixes lá dentro se batendo pra viver. Claro que nenhum pescador que se preze pensa nisso, na agonia do bicho diante da morte, mas ele era criança e pensava, ou era só frouxo e pensava, mas fato é que um dia pescaram uma cioba de uns doze quilos, uma cioba com o rabão vermelho e o corpo dourado, um peixe que parecia pintado por Deus, e ele não aguentou ver aquela coisa bonita se

*image  
not  
available*

se o meu ciclo era regular. Eu disse que era um relógio, e ela falou que podíamos fazer o seguinte, eu folgaria um domingo por quinzena, e no dia em que estivesse ovulando, era só fazer a tabelinha, eu também podia dormir na minha casa. Teria direito a uma noite de visita íntima por mês. Na hora aquelas palavras me incomodaram, visita íntima, parecia coisa de presidiária, mas logo a dona Fernanda desatou a falar do dinheiro, que aquele valor ia ser com carteira assinada, que eu ia poder financiar uma casa, pôr meu filho numa escola particular, essas coisas. Eu disse que precisava falar com o meu marido. Fui lá no casulo e liguei pra ele. O Lauro disse que preferia que eu não aceitasse, mas como não tinha condições de me oferecer o que a dona Fernanda estava oferecendo, que eu fizesse o que o meu coração mandasse. Fui até a janela da área de serviço, fiquei olhando pra fora, lembrando da fila de mulheres na agência de emprego, lembrando de mim mesma procurando serviço, das patroas que na entrevista diziam que tinham me adorado e que iam ligar logo pra eu começar mas não ligavam nunca. Também fiquei pensando o que a vó Brígida ia achar de eu recusar um salário daqueles, salário de professora. Então disse para a dona Fernanda que tudo bem, eu aceitava.

No dia da visita íntima, o Lauro desmarcava a corrida que tivesse pra me buscar, a gente ia pra casa ouvindo música, eu no banco do passageiro, ao lado dele, um botando a mão na coxa do outro, ele me carregando no colo até a cama, e foi bom assim durante alguns meses. Tinha dias que eu estava cansada e o Lauro também, ou acontecia alguma coisa que apoquentava um dos dois, e ninguém ali tinha dezoito anos, era um senhor e uma senhora de quarenta e poucos, às vezes não tinha agrado que animasse aquele homem, mesmo assim a gente dormia abraçado. Até a hora que o amor também deu de faltar, porque quando eu chegava em casa no domingo era tarde, já não tinha mais feira nem peixe pra descamar juntos, já não tinha mais um dia todo para o Lauro se alegrar com cerveja e me tirar pra dançar, e assim devagar fomos ficando cada vez mais longe, como se a mesa da cozinha em que a gente jantava fosse crescendo no meio

*image  
not  
available*

mim, mas já não havia ninguém no palco, nem na plateia.

Na época, não entendi esse sonho. Talvez porque o inconsciente esteja sempre à frente e, como todo visionário, soe delirante ou incompreensível para quem ainda está na névoa do presente. Depois é que fui entender alguma coisa, a distância que me separava do Cacá. Não que nosso casamento fosse ruim. Mas era um casamento, com a força sepultatória sutil da maioria dos casamentos. E com uma ausência de conflito tão grande que não importava o que acontecesse sob a superfície, tudo sempre parecia bem.

Acho que foi isso que me atraiu no começo, como tudo sempre parecia bem. A gente adorava sair para beber e dançar, fechávamos a pista, voltávamos para casa conversando, a hora que fosse. Até o que seria um defeito do Cacá para os outros, para mim não era. Ele não dava muito certo em nenhum emprego. Se formou em arquitetura, mas não quis trabalhar com isso. Virou maquetista, mas também não vingou. Depois seguiu arrumando uns outros negócios, como os terrários, uns minijardins que estavam na moda e ele achou promissores. Passava o dia debruçado sobre os globos de vidro com uma pinça na mão colando casas, cogumelos e homenzinhos junto a cactos e suculentas que, naqueles universos, pareciam sequoias. Lembro do tempo que dedicou a pôr, na mão de uma mulher de três centímetros, um balão. Era complexo, porque o objeto precisava ficar flutuando — que poesia há num balão largado ao rés do chão? —, e endurecer o fio foi um inferno que Cacá atravessou de joelhos, secando com cola o cordão ao sol. Claro que o valor de cada terrário não justificava o tempo empenhado, mas mantinha o meu marido em casa, tomando conta de tudo aquilo de que eu não conseguia tomar conta. O que, no fundo, também era o plano dele, pois Cacá tinha jeito para a vida doméstica, havia nascido para cuidar. Cuidar do que fosse, dos cactos, das nossas floreiras, da Cora, da minha mãe, dos nossos amigos, da reforma do apartamento, das nossas festas, da receita do jantar. Nem que eu quisesse conseguiria fazer tudo que ele fazia, ao menos não com a mesma leveza, e eu admirava isso

*image  
not  
available*

Até no sonho criança deve ser mais livre do que adulto. Eu já cuidei de tantas, e todas se mexem do mesmo jeito quando estão dormindo, uma giração pra lá e pra cá, até que vão crescendo e ficando cada vez mais quietas, como se os sonhos aprendessem a caber no tamanho da cama. Ainda não é o caso da Cora, que deve estar sonhando que é bailarina, já rodou pra cima de mim, me deixando no cantinho da poltrona, e agora deve estar agradecendo ao público, porque se curvou para o outro lado, encostando o rosto na janela. Puxo seus ombrinhos de volta para o encosto, não suporto ver a minha Picochuca com a boca aberta para os germes do transporte coletivo. Pego o lenço umedecido pra limpar seu rosto. Agora não me incomodo tanto com isso, mas teve uma época que eu ficava quase louca, achava até que enxergava os micróbios, não o micróbio em si mas o grupo deles, e daí me limpava, limpava a Corinha, desinfetava tudo que via pela frente. Depois que o Lauro foi embora, parei com essa história e comecei a enxergar outras coisas, o grande e o pequeno. Até aquela época nunca tinha reparado, mas se olhar bem qualquer um vê, o mundo é cheio de pares de um graúdo e um pequeno. A flor e o broto. A casa da frente e a dos fundos. O prato e o pires. Os bichos e os filhotes. E as pessoas, o pior eram as pessoas. Em todas eu via o mundo de coisão com coisinho, e acho que via assim porque não enxergava isso em mim. E pra me lembrar que todo mês eu ia sangrar e seguir sendo sempre um graúdo sozinho, aquela pintura na parede, um banheiro todo sujo de sangue. Quando eu olhava, sentia até dor de barriga, porque pra mim o quadro era uma anunciação. Tuas regras vão vir de novo, Maju. Tu vai morrer sozinha.

E daí eu me lembrava da outra chance que eu tive, do menininho da Neide. Ela me ofereceu o bebê tantas vezes.